

Franceses passaram do Funaná à Diva

# É A VEZ DA ANTOLOGIA

*“Em 1989, quando a Lambada se esgotou a nível internacional, os produtores franceses procuraram um sucedâneo. O Funaná foi a solução encontrada e o Finaçon foi o grupo escolhido. No seguimento do sucesso do Finaçon, segue-se a “bomba” que dá pelo nome de Cesária Évora.*

*As digressões e o seu Disco de Ouro não só promovem o conhecimento de um país que se chama Cabo Verde e um género musical que se chama Morna, mas também abre uma série de interrogações: por detrás dela deve existir um manancial? Quem serão os músicos e compositores, qual será o percurso musical e as correntes estéticas das gentes destas ilhas? Havia pois a necessidade de uma resposta. Aqui entram Ariel de Bigault e a Buda Musique que têm já muita experiência neste tipo de trabalho e possuem múltiplos contactos em Cabo Verde. A ideia é pois o lançamento de um disco que respondesse a essas questões.”*

Texto: Lúcia Dias

A ideia acima transcrita foi recolhida das notas introdutórias de Carlos Gonçalves no acto de apresentação do duplo CD “Cap Vert: Anthologie 1959-1992” com uma selecção de 34 títulos que representam uma retrospectiva da música cabo-verdeana desde o final dos anos

50 até o começo da década de 90, na noite de sexta-feira no restaurante “O Poeta”.

A compilação é de quase duas horas e meia de música crioula gravada por 34 intérpretes, sejam grupos ou solistas, num esforço conjunto do Instituto Cabo-verdeano da Livro e do Disco, ICLD, e da Missão Francesa de Cooperação e



Ação Cultural.

A selecção dos textos que acompanham o livro de 44 páginas que acompanha os CD's foi feita pelo jornalista cabo-verdeano Carlos Gonçalves enquanto que a compilação foi da responsabilidade da artista francesa Ariel de Bigault.

Para Anzenda Silva, presidente do ICLD, a concretização desse trabalho, “em certa medida é uma homenagem à mulher cabo-verdeana em particular e aos músicos em geral”, conforme referiu no acto de apresentação da antologia musical, lançada em França pela Editora Buda Records e integrada na colecção *Musique du Monde*.

A assumpção deste desafio significa, segundo a presidente, a modesta contribuição do ICLD à vertente Música versus Disco. Anzenda Silva está convicta que esse investimento cultural é apenas o começo de um novo ciclo de empreendimentos em prol da preservação e divulgação do riquíssimo património musical de que o nosso país é detentor

Missão ingrata

A tarefa de seleccionar o representante ideal de cada época musical de Cabo Verde não foi nada fácil, de acordo com a responsável do ICLD.

O projecto de Ariel de Bigault pretendia reter uma parte importante do acervo cultural crioulo neste domínio, “o percurso temporal — digamos assim — daquilo que se pode chamar uma certa memória” da música cabo-verdeana.

Missão ingrata, “uma vez que seleccionar o mais representativo de cada época poderá representar quase o pleonismo uma incorrência em injustiças justificáveis e toleráveis pelo simples facto de se tornar impossível incluir tudo, de todas as “gerações musicais”, argumentou Anzenda Silva.

Constituiu este trabalho um desafio e uma ousadia por parte de Ariel e Carlos Gonçalves. Mas bem sucedida, consideramos nós, apesar da nossa perspectiva um tanto ou quanto leiga”, reatirmos.

Na opinião da presidente do

ICLD, o importante foi trazer à luz a obra. “Importantíssimo é, ainda mais, preservar a história e os nomes que enchem esse espaço memorial do que é considerado a expressão máxima do ser e sentir cabo-verdeanos”.

O ICLD, na voz da sua presidente, agradeceu à Missão Francesa de Cooperação e Acção Cultural na Praia, cujo apoio financeiro foi fundamental para efectivar a participação do Instituto no projecto.

“Desta sorte, reiteramos aqui a expressão do nosso reconhecimento aos Serviços de Cooperação Francesa, na pessoa do Exm<sup>o</sup> Sr. Alain Le Ravallec e fazemos votos de que esta cooperação continue sempre, a bem da Cultura de Cabo Verde e das boas relações existentes entre os países em presença”.

Anzenda Silva felicitou ainda o jornalista da RNCV Carlos Gonçalves “pelo acurado trabalho de pesquisa que resultou nesse belíssimo caderno que acompanha os CD's” e apoio prestado à elaboração e edição da antologia.



Ariel de Bigault

ARIEL DE BIGAULT

# «Uma riqueza escondida»

«Depois das gerações influenciadas pelas Caraíbas e pela África Ocidental francófona, temos a que regressou às raízes. Embora haja interferências estranhas ao percurso insular, mantém-se a batida cabo-verdiana. Dessa explosão de géneros sairá algo de muito rico»



ANDRÉ KOSTERS

**EXP.** — Qual foi a participação de Carlos Gonçalves?  
**A.B.** — Achei que era bom trabalhar com um cabo-verdiano. O Kalú tem várias vantagens. É músico, jornalista sério, apaixonado pelo tema e dono de uma coleção pessoal extraordinária. Quando o contactei levava uma seleção de 90 registos. Demasiadas coisas e algumas falhas quanto aos registos dos anos 60.  
**EXP.** — Quais foram os critérios de seleção?  
**A.B.** — A diversidade, contando a história de um percurso musical. Há compositores desde o fim do século passado até hoje. Quanto aos intérpretes, começa em 1959, com as primeiras gravações disponíveis; incluímos o maior número possível, mas com o critério de terem trazido desenvolvimento ao fenómeno musical. Há alguns não referenciados e outros que apresentamos com cinco temas, como os Tubarões; tal deve-se à diversidade da capacidade interpretativa. Também jogou a importância dos reportórios.  
**EXP.** — Há uma riqueza escondida na música cabo-

verdiana, aqui patenteada: tabanca, colá, mazurca, toada, batuque, funaná...  
**A.G.** — Escondida, muitas vezes, até em Cabo Verde. Se fomos a uma «boite» das ilhas arriscamo-nos a ouvir batuque toda a noite, misturado com quarenta coladeiras. O nosso trabalho desenvolve-se maioritariamente em torno da morna, da coladeira e do funaná, mas apresentando mais ritmos.  
**EXP.** — Dando, nomeadamente, a conhecer variantes pouco divulgadas da morna.  
**A.G.** — Os europeus, mesmo os interessados, pensam que a morna é só uma. Mas não. A Cesária, que tem uma grande voz e canta mornas lindamente, não sabe cantar todo tipo de mornas. As dos Tubarões, por exemplo.  
**EXP.** — Para um purista, faltará um compositor-tão importante como Dionísio Mala.  
**A.G.** — Faz falta, mas apresentamos trinta e dois compositores. Com tanta riqueza, algo tinha de ficar para trás.

**EXP.** — O facto de um intérprete ter editado disco foi determinante para a seleção?  
**A.G.** — Foi, e um dos critérios foi o significado que os discos tiveram no desenvolvimento da música e o seu impacto social.  
**EXP.** — Por exemplo?  
**A.G.** — «Alto Cutelo», de Renato Cardoso, composto no início dos anos 70, influenciado por portugueses como o Adriano Correia de Oliveira. O Renato era de esquerda e compõe aqui uma espécie de balada (nada a ver com a morna, muito menos com a coladeira), uma invenção com bastante significado na altura em que aparece. Como a peça popular «Djonzinho Cabral», do final de 50, aqui cantada pelos Tubarões.  
**EXP.** — Como resolveram o problema dos direitos?  
**A.B.** — Sem dificuldades. As gravadoras portuguesas foram colaborantes, mesmo as multinacionais. Deparamos foi com confusões nos direitos de autor, em alguns casos só ultrapassadas pela não inclusão das peças.  
**EXP.** — A qualidade geral é quase irrepreensível, mas nota-se «antiguidade» em uma ou outra faixa.  
**A.B.** — Algumas não foram registadas a partir da matriz magnética mas do próprio vinil... Há obras de que se desconhece o paradeiro das matrizes, se é que foram preservadas.  
**EXP.** — No período colonial quase só se escutavam dois tipos de música nas ilhas: a morna e a coladeira...  
**A.B.** — É o que os cabo-verdianos dizem.  
**EXP.** — Pode ser confirmado. Era assim nas zonas urbanas. O resto — o colá pelo São João, as batucadas e os finaços nas regiões do interior, isoladas — eram um grito sem eco e nunca conquistaram atenções ou foram gravadas. Qual foi a opção nestes casos?  
**A.B.** — O pó-las de parte não vinha especialmente do português, mas dos próprios cabo-verdianos. O funaná, o batuque, o finaçon tinham raiz negra e eram consideradas folclore. Ficava bem numa festa de tabanca, não entre a burguesia urbana ou suburbana. Tens razão ao dizer «colonização» e não «portugueses». Em Cabo Verde a própria administração colonial era recheada de filhos da terra, que desprezavam essas músicas ao subirem na escala social.  
**EXP.** — Complexo tradicional nas sociedades crioulas?  
**A.B.** — Exactamente. Vislumbra-se o mesmo nas Antilhas, no Haiti. É típico da sociedade crioula que se estratifica imitando o branco e omitindo as outras raízes.  
**EXP.** — As próprias letras de expressão popular eram inconvenientes para os que frequentavam os salões de baile.  
**A.B.** — Havia também esse entrave, especialmente através de duplos sentidos, em áreas como o social, o político e, até, o religioso. Mas nunca me constou que alguém fosse preso por organizar danças com músicas dessas, ao passo que no Brasil iam presos por fazer batuques.  
**EXP.** — De qualquer modo houve segregação, até uma nova geração reabilitar tais formas.  
**A.B.** — Pessoas que hoje rondam os 40 anos e que na altura da independência andavam pelos 20, cheias de entusiasmo e com vontade de pesquisar as raízes. Estavam cansados da morna e da coladeira dos pais e foram ver como era o resto.  
**EXP.** — Foram beber à fonte, a «magníficos» como o Codé di Dona, o Antoninho Dente d'Ouro, o Caetaninho...  
**A.G.** — Foi um processo de pesquisa que constituiu um marco na evolução da música cabo-verdiana. O Vasco Martins, o Carlos Gonçalves, o Carlos Alberto Martins, o Zeca e o Zéze di Nha Reinalda, o baterista dos Bulimundo, José Augusto. Pesquisaram a sério, estudaram os ritmos específicos.  
**EXP.** — E Nha Nasta Gomi, Nha Gida Mendi ou Nha Bibinha Cabral, fantásticas cantadeiras populares descobertas aos 70, 80 anos, e que não puderam gravar?  
**A.B.** — Há registos magnéticos na Rádio Nacional, que tem bons arquivos, especialmente os nomes tradicionais. Dava para dez discos. Era importante que tais sons alcançassem o público.  
**EXP.** — Esta edição colmatou uma falha imperdoável. Qual seria o projecto seguinte?  
**A.B.** — Não torno a fazer uma coisa destas. Foi um trabalho dos diabos! Conseguimos dar um painel suficientemente amplo e uma nova proposta generalista não tem muito cabimento. Podem é tomar-se, a partir daqui, várias pistas. Cada género é tão amplo que merecia desenvolvimento. Sei perfeitamente qual o reportório que investigaria mas permito-me reservar a ideia, nunca se sabe se não pegarei nela um dia, noutras condições...  
**EXP.** — Qual é o futuro próximo da música cabo-verdiana?  
**A.B.** — Depois das gerações influenciadas pelas Caraíbas e pela África Ocidental francófona, temos a que regressou às raízes (defendendo o batuque, o funaná, o colá). Oriunda de meios simples, pequena burguesia remediada, com estudos, simultaneamente interessada nos ritmos de outras paragens. Ouve muita música anglo-saxónica, desde o «funk» americano ao «reggae», de importante influência nos anos 80. Há depois gente como o Humbertona, magnífico executante de violão que não grava há cerca de 18 anos! E o Daniel Spencer, o Kaká Barbosa, o Tito Paris, que não gravam há tempos e têm condições para surpreender. Embora haja interferências estranhas ao percurso insular, mantêm-se a batida cabo-verdiana. Dessa explosão de géneros e misturas, como a do «zouk» com o funaná, sairá algo de muito rico. Por enquanto ainda não é convincente.  
**EXP.** — O fenómeno da emigração pode influenciar na actualidade, como o fez nos anos 60, com o conjunto Voz de Cabo Verde?  
**A.B.** — Certamente. O contacto com outros ambientes, como é o caso do compositor e músico Paulino Vieira em Portugal, terá interpenetrações benéficas.

A.L.N.

# ANTOLOGIA

# Ô

# saudade

Grande parte dos temas deste duplo CD era hoje difícil de encontrar. Gravações antigas, com mais de trinta anos, ajudam à história de uma odisséia de sons em que o temperamento de um povo está sempre presente

**E**IS a história abreviada de uma aventura intensa. Se a música popular costuma, por inerência, ser o grito íntimo dos povos, a noção só pode ganhar fôlego repentino, em Cabo Verde, por acasos conjunturais que articularam em torno de rimos, rimas e ritmos próprios as influências africana, lusitana, caribenha e brasileira. São a epopeia das navegações e a tragédia do trato de escravos num complemento rigorosamente colateral com final feliz: em torna-viagem, os sons matizados longe regressam transformados para se recompor nas melodias insulares, dando corpo aos estados de espírito e espírito ao requêbo dos corpos.

Caminhos diversos levaram Ariel de Bigault até à música cabo-verdiana, como se percebe na entrevista, num contacto que culminou nesta riquíssima compilação de registos elaborados entre 1959 e 1992. Uma antologia pressupõe selecção e risco, e a autora, acompanhada de Carlos Gonçalves, desempenhou-se da tarefa com seriedade, optando pela referência primordial à edição — o percurso é cronológico, consoante o contacto com o público e não pelo ano de criação — sem desprezar o segmento sociológico, componente indispensável à análise de todo o fenómeno musical visto na sua globalidade, como é o caso.

Sociedade crioula com 500 anos de vivências, Cabo Verde é um vulcão recente deixando línguas de lava de pedras ásperas pujantes. Vejamos: a coladeira não terá mais de 50 anos; o velho funaná, o camponês, terá passado há pouco os 100, com a sua geração urbana na casa dos 20; a morna, pelo menos na sua estrutura actual, será pouco mais que centenária. O berço destes sons? Sabe-se lá quais são, na falta de estudos rigorosos e dados precisos. Manuel Ferreira, Pedro Cardoso, Jean-Paul Sarraute, Gabriel Mariano, Alfredo Mar-

garido, Archibald Lyall, Baltasar Lopes, Gilberto Freyre dão achegas, quase sempre literárias, raro etnológicas, nunca musicológicas (excepção é o estudo de Vasco Martins sobre a morna). Vale anotar sem risco a influência das mazurcas, da contra-dança e da polca, do lundum mais antigo, mas também do vira e da chama-rita (António Casimiro, in Ilhas Crioulas). Anteriores, ficaram o colá e a tabanca, o canisade e o finaçon, denunciando origem africana.

Mas o que interessa aqui registar é a panóplia de géneros e a virtuosidade de interpretações que resgatam do olvido, ou da confusão de divulgações aleatórias, o que

A. Bigault anuncia como «a densidade poética das letras em crioulo, as surpreendentes estruturas rítmicas, as variações harmónicas», justamente.

Dos primeiros tempos da «modernidade» da música crioula restam esparsos sons, nunca gravados, memórias de pausas das sínteses musicais experimentadas com o início do século, através da morna. Esta antologia não vai af, fica pelas gravações, que se iniciam nos anos 50 (realce para o esforço de Fernando Quejas) em Lisboa, traçando de seguida um percurso rico. As mornas de Tavares e de B. Leza, no início da década de 50, Titina e Djosinha no Conjunto Cabo Verde, os Centaurus e o Ritmos. Nos anos 60, da Holanda, através dos emigrantes, vem uma revolução musical: os discos da Casa Silva/Morabeza — destaque para Bana e Luís Morais, Tututa, Humbertona, Chico Serra, Frank Cavaquinho. É sobre esta época, fértil, que podemos discordar mais da selecção feita, embora a estejamos. Faltam coladeiras populares como «Nho' Nione Escaderode», «Nha Bolanha», «Tchom Bom di Mangui», e «Sangue d' Birona», e mornas, também de origem popular, como «One na Tarrafala», «Badi di Fora» e as históricas «Maria Barba» e «Traioeira d' Dakar», ou «Mar É Morada de Sodade», composta por Armando Pina, e «Morna de Despedida», de Eugénio Tavares. E ainda «Consolo de Nha Vida», «Mar di Furna» e o inconvertível «Caminho de São Tomé», sobre a vida terrível dos contratados nas roças de São Tomé e Príncipe, de Abílio Duarte, «importante autor das primeiras mornas de protesto», aqui apenas referido no texto de apoio. Para não falar de verdadeiros hinos das serenatas que embalaram gerações, e cujas edições discográficas terão sido apenas instrumentais, como «Manché, Manché!» ou «Brada-Maria», originária da Brava, que puxa à lágrima e acompanhou caixão de defunto como último voto. Ou «Don-don Ti Jon Grande», das mais antigas da Boavista. Pela quantidade adivinha-se dificuldade de escolha, que não esquecimento. O ecletismo das fontes de A. Bigault é único e louvável, mas as três assinaladas a negro fazem falta. Como o faz uma tradução dos poemas...

Depois são os anos 70, a independência, o regresso às raízes, com o funaná e outros ritmos, e a conquista da Europa. Encontramos esses passos muito bem resumidos no texto de Carlos Gonçalves, onde duas incongruências não maculam o excelente estudo, mas estragado por falta de revisão tipográfica.

É uma história de nunca mais acabar, que o leitor poderá dar-se à iniciação através desta recolha. Como primeira etapa para descobrir sonoridades espantosas, que nos transportam da alegria à tristeza, da sátira à melancolia dos amores impossíveis, da paixão exacerbada ao grito longínquo do emigrante separado da sua terra, das suas gentes e da sua ambiência — mas nunca da sua musicalidade inata.

(2 CD, Buda Records, col. Musique du Monde, distr. Dargil)

ANTÓNIO LOJA NEVES

**C**ONHECE Portugal dos sete anos em que cá viveu, trabalhando em cinema. Foi pelo cinema que descobriu os sons de Cabo Verde, levando longe essa sedução, até realizar Cap Vert: Anthologie 1959-1992, dois CD imprescindíveis.

**EXPRESSO** — Como nasceu a Idéla da antologia?

**ARIEL DE BIGAULT** — A partir do cinema. Acabara um filme sobre músicos negros do Brasil e as raízes africanas dessas correntes musicais, e o produtor Paulo de Sousa contactou-me para um projecto sobre literatura e música cabo-verdianas. Escrevi o guião, que não teve desenvolvimento. Falámos da hipótese de um filme de ficção em Cabo Verde, e fui para lá viver três meses, tendo contactado muitos músicos.

**EXP.** — Havia um objectivo nesses contactos?

**A.B.** — Em Portugal dava-se ênfase à morna e à coladeira; interessei-me por procurar expressões menos conhecidas. Por curiosidade. Encontrei cantores populares quase desconhecidos e também o grupo Finaçon, oriundo da pequena burguesia tradicional das ilhas, que na altura representava em certa medida os anseios da juventude suburbana, se assim podemos falar em relação a uma cidade como a Praia.

**EXP.** — Foi esse contacto que motivou a colectânea?

**A.B.** — Terá sido o incentivo. Achei curiosa aquela experiência musical e comecei a indagar acerca de outros grupos. Regressei a Paris com o guião do filme, comecei a falar de Cabo Verde e percebi que ninguém conhecia. Pensei então que, se conseguisse lançar a música cabo-verdiana em França, as pessoas teriam outro interesse e eu mais possibilidades de encontrar financiamento para o filme. Encontrei o produtor discográfico Gilbert Castro e afoguei-o em música cabo-verdiana.

**EXP.** — Cesária e os outros ainda não eram conhecidos?

**A.B.** — Não. Estávamos em 1989. O próprio Castro tinha recebido uma proposta para a Mélodie distribuir a Cesária e não dera seguimento. O disco acabara de sair na Buda Music, com quem também vim a produzir este duplo CD. O lançamento da Cesária estava a ser muito difícil e o Gilbert mostrava mais interesse nos Tubarões, mas eram artistas da EMI. Voltou-se então para os Finaçon e para os registos dos finados Bulimundo. O meu projecto inicial era não só lançar músicos cabo-verdianos.

**EXP.** — É então que as multinacionais se interessam.

**A.B.** — Sim. A Sony gostou muito dos Finaçon. Mas tinham ideia de fazer uma espécie de nova Lambada, um modismo que vendesse imenso. Achavam que o funaná dos Finaçon — com uma estrutura despojada, mais simples, para o bem e para o mal, do que o funaná do Catchass tocado pelos Bulimundo — dava para isso. Esta perspectiva não se confinava à Sony, tive desentendimentos com a Mélodie por isso.

**EXP.** — Criaram um mal-entendido em torno da música cabo-verdiana?

**A.B.** — Era desagradável. Eu tinha consciência dos problemas a resolver, mas nunca pela via da facilidade comercial. Mas acho que os Finaçon têm dificuldades em modernizar o seu som.

**EXP.** — Isso significa o quê? Abandonar as tonalidades que lhe são específicas?

**A.B.** — É um problema de som moderno, que os músicos cabo-verdianos ainda não entenderam como fazer.

**EXP.** — Podes explicar melhor?

**A.B.** — Quando os Finaçon estiveram em Paris, usemo-nos em contacto com os melhores músicos africanos, os que realmente sabem de som. O Ray Lema, o Barbosa — que tocou acordeão no álbum Si Manera, e que é um grande executante argentino, dos melhores do mundo —, o Paco Seri, o maior percussionista que há em França, e todos ficaram aflitos com o estilo deles. É uma estrutura tão complicada! Já tiveram a ideia de a misturar com o «zouk», o que, em princípio, não salvaguarda raízes nem respecta complicações.

**EXP.** — Falamos da própria evolução interior. Não se trata de um fenómeno que não pode ser enxertado?

**A.B.** — Há que colocá-lo perante a situação.

**EXP.** — A Cesária teve o êxito que se conhece e, embora haja arranjos que vão contra a sua tradição, não modificou a essência da estrutura.

**A.B.** — Foi no seguimento do êxito das Vozes da Bulgária e da reacção ao que é electrónico. Súbito, qualquer pessoa faz uma coisa «a capela» ou com um violãozinho e é um êxito. Eu tinha bombardeado, antes disso, os jornalistas com o som cabo-verdiano sem encontrar eco e, de repente, verifico que meia dúzia de jornalistas bate insistentemente na tecla da Cesária até conseguir que Mar Azul, o terceiro álbum, tenha excelente aceitação crítica e o quarto, Miss Parfumado, seja finalmente um grande fenómeno de vendas. Lançado em finais de 92, permite que a Cesária faça o Théâtre de la Ville e depois o Olympia em Maio de 93. Em Setembro já venderá cem mil.

**EXP.** — É esse o ambiente no lançamento desta antologia. Mas o que foi decisivo para a sua elaboração?

**A.B.** — Os cabo-verdianos contavam histórias interessantes sobre a evolução da sua música. Fui percebendo a sua dimensão sonora e a implicação social. Também contactei o jornalista Carlos Gonçalves, que era director da Rádio Nacional e me emprestou vários discos de 45 rpm.

**EXP.** — As edições históricas dos anos 60, quase artesanais.

**A.B.** — Foi em torno delas que discutimos o interesse mútuo em realizar uma antologia. O sucesso da Cesária deu-me coragem para propô-la a produtores. A Mélodie recusou e a Buda Music tomou em mãos o projecto.

**EXP.** — Já tinha boas experiências.

**A.B.** — A Mélodie também, com a Cesária. A Buda edita poucos discos de Cabo Verde, mas fundamentais: o primeiro da Cesária, o da Titina, o do Travadinha, o do Chico Serra. De certa forma a minha proposta vinha encerrar um ciclo.





## CABO VERDE CEM ANOS DE MÚSICA

“**E**spero que esta antologia seja apenas o princípio de alguma coisa.” Ariel de Bigault, parisiense de 40 anos, cineasta e jornalista musical, explica assim a razão de um trabalho, “Cap Vert: Anthologie 1959-1992”, que a ocupou de forma quase obsessiva durante os últimos meses. O álbum, um compacto duplo, foi lançado em Lisboa, na passada quarta-feira, numa festa que juntou nas instalações do Chapitô — ocupado com o projecto “Sonhar África num Outono em Lisboa” — alguns dos nomes mais importantes da música crioula.

Produzido pela Buda Music, com o apoio da Cooperação Francesa, e distribuído em Portugal pela Dargil, “Cap Vert: Anthologie 1959-1992”, junta 43 canções cabo-verdianas gravadas ao longo de 33 anos em Lisboa, Roterdão, Praia ou Mindelo. “Para fazer este disco ouvi umas 1200 músicas”, diz Ariel. O mais difícil, porém, foi identificar os direitos de cada tema, num país onde a música está em toda a parte e se trocam canções como se trocam abraços.

O interesse da jornalista francesa pela música de Cabo Verde remonta a 1987: “Nesse ano, um produtor de cinema português pediu-me para fazer um filme sobre Cabo Verde e eu fui ao arquipélago pesquisar. O filme não chegou a ser rodado, mas fiquei a conhecer as pessoas e a música.” Regressada a França, Ariel de Bigault irá ser uma das principais responsáveis pelo reconhecimento internacional dos ritmos crioulos. “É muito engraçado lembrar que naquela época várias rádios se interessaram pelos Finçom, mas toda a gente achava que a Cesária não tinha qualquer possibilidade em França. As pessoas achavam que aquilo que ela cantava era lindíssimo, mas muito tradicional, muito rude.”

“Cap Vert: Anthologie 1959-1992”, que inclui um excelente roteiro da música crioula assinado pelo jornalista cabo-verdiano Carlos Gonçalves — cobre quase cem anos de música. O primeiro CD começa com a voz de Fernando Quejas, que nos anos 40 desembarcou em Lisboa com os sons do arquipélago. O tema mais antigo, “Carinha di bo pai”, de autor desconhecido, é quase de



certeza anterior a 1900. O segundo disco termina de forma significativa com “Angola”, de Ramiro Mendes, a irresistível toada que abriu as portas do mundo a Cesária Évora. “Parei a antologia em 1992”, explica Ariel, “porque a partir dessa data apareceu tanta coisa com interesse, isto é, canções capazes de inovar a música de Cabo

Verde, que para as incluir a todas precisávamos de mais 140 minutos.”

Critérios para a selecção? “Em primeiro lugar quisemos mostrar a riqueza da música crioula. Neste álbum é possível ouvir mornas e coladeiras, mas também funanás, tabanka, baladas e cola, ritmos muito menos conhecidos.” Em relação aos temas que não conseguiu incluir, Ariel lamenta sobretudo a ausência dos éxitos dos Tubarões: “Pensei sobretudo no público cabo-verdiano e português, que conhecem bem os Tubarões — porque em França infelizmente não conhecem —, e assim optei por incluir temas menos conhecidos, coisas bem arrojadas e arriscadas que eles fizeram em certas alturas, mas que hoje é difícil ouvir.” ■



" PÚBLIC "

86-10-94

# EXPLICAÇÃO DAS ILHAS

VÁRIOS

"Cap Vert: Anthologie 1959-1992"

Bhuda Music, distr. Dargil

**N**o fim dos anos cinquenta desembarcou em Lisboa um jovem cabo-verdiano chamado Fernando Quejas. Queria ser cantor e conseguiu-o: poucos meses depois era já uma voz relativamente conhecida dos portugueses, que o ouviam ao vivo, no Rádio Clube, cantando a "sodade" das ilhas. Começava assim, com pouco rumor, o (re)conhecimento internacional da música crioula. Em 1990 os franceses descobriram Cesária Évora, e Cabo Verde saiu da sombra. Hoje, quase todas as semanas surgem em Paris ou em Lisboa novos álbuns de música crioula, muitos deles avançando com propostas inéditas, capazes de inovar e diversificar ainda mais o já tão rico património musical das ilhas. Faltava um trabalho que conseguisse explicar as razões deste sucesso.

Um álbum que não se limitasse a recolher canções felizes (fizeram-se alguns), mas, mais do que isso, se constituísse em itinerário e panorama da vasta música de Cabo Verde. "Cap Vert: Anthologie 1959-1992" é esse álbum. Ao mesmo tempo de interesse histórico e popular, o duplo CD junta 43 músicas, gravadas ao longo de 33 anos em Cabo Verde, Portugal, França e Holanda. Ariel de Bigault, responsável pela selecção e organização da colectânea, tentou incluir exemplos de todos os géneros praticados no arquipélago: a morna, a coladeira e o funaná, mas também a toada, a kola ou a balada. São 148 minutos de excelente música, onde temas muito conhecidos, como "Djonsinho Cabral", dos Tubarões, se sucedem a pérolas raríssimas — ouça-se por exemplo "Nha Codé", uma toada de Pedro Cardoso (anos 20) numa interpretação de Fernando Quejas, ou essa fabulosa versão de "Mar Azul", por Cesária Évora, incluída num álbum quase esquecido, que a Organização das Mulheres Cabo-Verdianas lançou em 1985. "Cap Vert: Anthologie 1959-1992" — que contou com o apoio da activa e inteligente Cooperação Francesa — traz um libreto com um texto de

LUISA FERREIRA



Ariel de Bigault, responsável pela selecção e organização da colectânea

enquadramento assinado por Ariel de Bigault, um ensaio de Carlos Gonçalves, jornalista musical cabo-verdiano, e quatro dezenas de fotografias a preto e branco. Propositadamente, o álbum exclui manifestações musicais de natureza claramente etnográfica — por exemplo canções religiosas ou o funaná no seu estado puro — embora em Cabo Verde nem sempre seja fácil definir fronteiras. "As gravações aqui reunidas", explica Ariel de Bigault no seu texto, "vão desde 1959 — data em que se inicia uma produção profissional e regular — até 1992, data em que, em parte devido ao sucesso de Cesária, se abre um período novo onde os jovens talentos enfrentam outras exigências técnicas, artísticas e profissionais, e em particular um mercado maioritariamente estrangeiro". O que Ariel quiz dizer é que, depois de 1992, começou o futuro da música das ilhas. E para compreender esse futuro vai ser preciso ouvir este disco. (9)

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

# RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA LDA  
53 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Correio da Manhã

Lisboa

318

Edição nº 008018 de 20/09/94

## MUSICA

● **África no Chapitô** - Desta feita, o bar da Costa do Castelo apresenta às 16 horas uma projecção animada de diapositivos sobre brinquedos tradicionais. As 20h30 passa o lançamento do disco "Musiques du Capvert", uma antologia de música cabo-verdiana. Mais tarde, pelas 22 horas é a vez de "A Ilha", uma coreografia do Grupo Maracatu, seguido de música ao vivo no bar.

# RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA LDA  
53 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Correio da Manhã

Lisboa

318

Edição nº 008018 de 20/09/94

Página 20

● **África no Chapitô** - A cultura da Guiné-Bissau estará no bar da Costa do Castelo, com a apresentação de dança infantil, às 16 horas, e com música ao vivo no bar, com os Issabary.

01/09/94

107-110

# RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA LDA  
53 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Capital (A)

Lisboa

317

Edição nº 008005 de 21/09/94

## CABO VERDE EM CD DUPLO

# ANTOLOGIA REÚNE 33 ANOS DE MÚSICA

UMA antologia da música cabo-verdiana referente ao período 1959-1992, sob a forma de um CD duplo, foi lançada ontem, em Lisboa, no espaço Chapitô, no âmbito do projecto «Sonhar África num Outono em Lisboa».

A obra, cuja selecção e textos esteve a cargo de Ariel de Bigault e Carlos Gonçalves, tem uma duração de 148 minutos e é composta por 43 músicas, sendo ainda acompanhada por um documento de 44 páginas que inclui 41 fotografias e textos redigidos em português, francês e inglês.

Apoiada pelo Instituto do Livro e do Disco cabo-verdiano, esta iniciativa reúne «todos os géneros da música popular» de Cabo Verde, com especial destaque para as «variações nos três géneros principais: morna, coladeira e funaná».

As gravações seleccionadas vão desde 1959 - «data em que se inicia uma produção discográfica profissional e regular» - até 1992, quando, «em parte devido ao sucesso de Cesária Évora, se abre um novo período em que os jovens talentos enfrentam outras exigências técnicas, artísticas e profissionais, e, em particular, um mercado maioritariamente estrangeiro».

O disco contém interpretações de Cesária Évora, Bana, Tubarões, Celina Pereira, Dany Silva, Luís Rendall, Chico Serra, Caetaninho, Mité Costa, Tílina e Grupo Cultural Mantenha, entre outros, perfazendo um total de 34 artistas e agrupamentos musicais.

A cerimónia de lançamento desta obra, intitulada «Musiques du Cap Vert» («Músicas de Cabo Verde»), contou com a presença de vários artistas cabo-verdianos.

LE MONDE  
1<sup>er</sup> Dec 94

VI Le Monde • Jeudi 1<sup>er</sup> décembre 1994 •

## DISQUES

### Cap-Vert, Anthologie 1959-1992 La grande vague de l'archipel

**L**A musique du Cap-Vert a fini par s'imposer ici grâce à Cesaria Evora. A preuve, cinq publications, dont une est consacrée à la première anthologie de la musique populaire de l'archipel.

Les Dakarais et les émigrés cap-verdiens, en Europe et aux États-Unis, eu étaient déjà friands. Depuis que *Sodade* - superbe chanson chantée par Cesaria Evora évoquant les déportations des travailleurs vers l'île portugaise de Sao-Tomé dans les années 50 -, est tombée l'an passé dans toutes les oreilles, la nostalgique *morna* et l'entraînante *coladeira* ont abordé les rivages des grandes surfaces.

En un mois, cinq albums de musique cap-verdienne viennent de sortir en France à commencer par une compilation des meilleurs titres de Cesaria Evora, *Sodade, les plus belles mornas de Cesaria* (1 CD BMG 743 212 3353 2) et la nouvelle production des Tubaroes (les Requins), groupe phare des temps de l'après-indépendance (en 1975). Une belle machine à danser, qui, par le passé ne dédaignait pas l'usage du synthétiseur basique et de la boîte à rythme simplette. Mais les Tubaroes ont fait un bel effort de retour à l'acoustique, et *Porton d'nos ilha* (1 CD Mélodie 08678-2) est un bon exemple de fraîcheur lusitanienne, cultivée outre-mer.

Très influencé par le Brésil, la samba, et les douceurs insulaires, Teofilo Chantre, qui vit et compose à Paris, a reçu la bénédiction de Cesaria pour son premier album, *Terra e Cretche*. Guitare souple, voix de velours, simple, agréable, frais (1 CD Lusafrika/Mélodie 08672-2). Jovino Dos Santos, dont la collection Playasound a réuni dix des meilleures chansons, est l'expression langoureuse et militante de l'archipel. Balancement des maracas, ambiance de concerts de bar ou de place publique servent

de toile de fond à la description de la lutte pour la survie sur les terres desséchées de ces morceaux de Sahel. Le disque (*Mornas et coladeiras du Cap-Vert*, 1 CD Playasound PS 651 27, distribué par Auvidis) est mal ficelé, mais authentique.

Pour la comprendre, il fallait son anthologie de cette musique à la fois touchante et entraînant. La réalisatrice de télévision Ariel de Bigault, grande connaisseuse du répertoire luso-africain, a réuni dans un coffret de deux disques compacts le meilleur de la musique cap-verdienne (dans la mesure des droits octroyés et des enregistrements disponibles). Elle y a privilégié « la densité poétique des textes créoles, la richesse rythmique », en ne gommant aucune étape (même pas les synthétiseurs) de l'évolution de cette musique, où chaque île de l'archipel a son mot à dire. Classée par ordre chronologique, cette Anthologie commence en 1959, avec les débuts de la production discographique au Cap-Vert, alors sous domination portugaise. De Fernando Quejas qui chante le poète Eugenio Tavares à Cesaria Evora, formidable interprète des mornas de B. Leza, le plus grand auteur-compositeur du Cap-Vert, mort au début des années 60, toute l'histoire du pays défile. Accordéon adopté par ce peuple paysan souvent contraint à la navigation, violon hérité des habitudes des cours européennes, rythmes venus de l'Afrique si proche, guitare portugaise, clarinette jouée par des amoureux de jazz et de samba brésilienne, voix déchirante et goût de la fête. Passion, émigration, nostalgie sont véhiculées par de merveilleuses voix (Bana, Cesaria Evora), d'excellents instrumentistes (Luis Moraes, Travadinha).

VERONIQUE MORTAIGNE

★ 1 coffret de 2 CD Buda Records 92614-2. Distribué par Adès.

LE FIGARO  
04.94

■ CAP-VERT : ANTHOLOGIE 1959-1992. Depuis les succès de *Sodade* et *Angola*, tout le monde connaît Cesaria Evora (disque d'or pour l'album *Miss\*Perfumado*) et son archipel natal, le Cap-Vert. En attendant la parution de son nouvel album début 1995 et d'un coffret rétrospectif de quatre CD la semaine prochaine (chez BMG), on élargira ces dé-



lices avec ce double album de deux heures trente. La nostalgique et déchirante *morna*, la *coladeira* chaloupée, le frénetique *funana* : voici la musicale trinité de ces îles perdues dans l'Atlantique, où s'est faite la créole rencontre du Noir et du Méditerranéen. En quarante-trois titres, on passe d'insondables tristesses à de furieuses envies de fête, des langueurs océanes à des rires ensoleillés. Bien sûr, on retrouve la magnifique Cesaria Evora, aux côtés des plus grands noms du Cap-Vert : le crooner Bana, la jeune Titina, les instrumentistes Luis Moraes et Morgadinho, les groupes Finaçon et Tubaroes... Un beau voyage. (Buda Records.)

Sélection établie par Jacques DOUCÉLIN et Bertrand DICALÉ



# LIBÉRATION

## GUIDE

Libération → samedi 24 et dimanche 25 décembre 1994

# SELECTION DISQUES

### WORLD MUSIC

#### CAP-ANTHOLOGIE

1959-1992

(Buda Record)

Croisant plaisir et pédagogie, pareil voyage initiatique en deux CD fait désormais date dans la musique du Cap-Vert, archipel balayé par les vents d'Est, tournant à moitié le dos à l'Afrique. Le recueil d'enregistrements emblématiques va de 1959, année où apparaît une production discographique professionnelle régulière, à 1992, date de l'émancipation de la musique insulaire via Cesaria Evora et surtout de la confrontation des nouveaux talents locaux aux exigences du marché mondial. Tout y est, de l'« ancêtre » Fernando Quejas à Cesaria Evora, en passant par les voix féminines de Titina, Celina Pereira, héritières de Nacia Gomi, et les timbres



masculins de Bana, Djosinha, Ido Lobo, Zeca di Nha Reinalda. Le précieux livret du musicien et journaliste Carlos Gonçalves offre un itinéraire clair et débroussaillé de l'évolution des rythmes du Cap-Vert, depuis ceux chantés par le poète Eugénio Tavares (1867-1930), premier modernisateur de la morna au début du siècle, relayé dans les années 30 par B. Leza (Francisco Xavier da Cruz). Au-delà de la trilogie majeure morna-funana-coladeira, il y a aussi des rythmes, traditionnels ou modernisés, tels le

batuque, la finaçon, la kola, la tabanka, la kanisade, la toada, ou encore des airs plus européens comme les valse, polka, mazurka et contre-danse. Des musiques toujours prometteuses, car fondées sur un déchirement profond et antagonique entre l'attachement malade à une terre désolée et le désir irrépressible d'émigrer sous d'autres cieux.

Bouziane DAOUDI

# LE MONDE DE LA MUSIQUE Déc. 96

---

## CAP-VERT

★★★★

Anthologie 1959-1992

2 CD Buda Records 92614-2 (distribués par Adès)

**L**a grande Cesaria Evora nous a ouvert les portes de la musique cap-verdienne; voici maintenant l'occasion d'élargir sérieusement notre abord de cette expression créole par excellence, fruit de cinq siècles de cohabitation entre colons européens — en particulier portugais — et descendants d'esclaves africains. A mi-chemin entre ses équivalents lusitanien et brésilien, la *saudade* cap-verdienne a inspiré une musique dans laquelle la part africaine

semble avoir définitivement été évincée au profit d'harmonies et de conceptions instrumentales résolument occidentales.

Le genre musical roi de l'archipel est sans doute la langoureuse *morna*, « hymne d'amour, d'illusion et de mélancolie » selon le poète Fausto Duarte, dont Amândio Cabral, Titina, Djosinha ou la reine Cesaria en personne nous donnent ici la pleine mesure. Plus vive et moderne, la *coladeira* a également acquis le statut de forme classique à partir des années 1940, et cette danse binaire, à la fois légère et sensuelle, a conquis le cœur des Cap-Verdiens, si l'on en juge par ses nombreuses variantes apparaissant ici. Parmi les autres styles, tant vocaux qu'instrumentaux, que cette belle anthologie réalisée par Ariel de Bigault nous donne à apprécier, on relèvera encore la *tabanka*, la *kola* ou la *funana*, aux couleurs caraïbes prononcées. Laurent Aubert

---

LE MONDE DE LA MUSIQUE  
DECEMBRE 96

# LE FIGARO

## ■ CAP-VERT : ANTHOLOGIE 1959-1992.

Depuis les succès de *Sodade* et *Angola*, tout le monde connaît Cesaria Evora (disque d'or pour l'album *Miss Perfumado*) et son archipel natal, le Cap-Vert. En attendant la parution de son nouvel album début 1995 et d'un coffret rétrospectif de quatre CD la semaine prochaine (chez BMG), on élargira ces dé-

lices avec ce double album de deux heures trente. La nostalgique et déchirante morna, la coladeira chaloupée, le frénétique funana : voici la musicale trinité de ces îles perdues dans l'Atlantique, où s'est faite la créole rencontre du Noir et du Méditerranéen. En quarante-trois titres, on passe d'insondables tristesses à de furieuses envies de fête, des langueurs océanes à des rires ensoleillés. Bien sûr, on retrouve la magnifique Cesaria Evora, aux côtés des plus grands noms du Cap-Vert : le crooner Bana, la jeune Titina, les instrumentistes Luis Morais et Morgadinho, les groupes Finaçon et Tubaroes... Un beau voyage. (*Buda Records.*)

Sélection établie par **Jacques DOUCELIN**  
et **Bertrand DICALE**

MUSIQUE DU MONDE  
*Musics from the World*



CAP-VERT ANTHOLOGIE 1959-1992  
Cap-Vert Anthologie 209 782



DIÁRIO e NOTÍCIAS  
(Parigal)  
Oct 94

# ÉTNICA

## Vozes de Cabo Verde



**f**oi com um reconhecido e apropriado sentido de oportunidade que há alguns dias a editora Dargil deu a conhecer uma das suas próximas distribuições, numa pequena e íntima apresentação, realizada no Chapatô, aproveitando as celebrações de temática africana que nesse local decorreram durante o mês passado. Presentes estiveram raras conhecidas da imprensa musical, bem como alguns artistas cuja actividade se entra na música africana de expressão portuguesa. Ainda que a vertente comercial fosse inerente ao acontecimento, pois as companhias discográficas não são da confraternização, justificava amplamente a ocasião, visto tratar-se, sem margem para qualquer dúvida, do mais importante disco de música oriunda do arquipélago cabo-verdiano alguma vez distribuído no nosso país. Esta antologia, que se abruça sobre três décadas da música de Cabo Verde, é composta por um manancial de informação verdadeiramente admirável, quando os caminhos da evolução dos diversos estilos, as vozes dos seus mais fluentes criadores e



intérpretes. São mais de 40 composições, de uma evidente importância histórica, sendo a maioria de superior qualidade. Pérolas aqui são fáceis de encontrar, nomeadamente nas deliciosas mornas, que exalam uma melancolia carregada de sentimento, mas despojada de pieguice, que muito é do nosso agrado. Oíça-se *Carta di Hha Cretcheu*, de Eugénio Tavares, composta nos anos 20, *Uma Vez São Cente Era Sabe* ou *Verdeaninha*, pela voz de Bana, o excelente Djosinha em *Stora d'Nha Vida*, o piano de Chico Serra em *Fidjo Magoado*, ou o choroso trompete de Morgadinho em *Resposta di Segredo du Mar*, da autoria do grande B. Leza, igualmente compositor de *Terra Longe*, à qual Titina dá vida. Fundamentais são também as toadas *Nha Codé* e *Fomi 47*,

respectivamente por Fernando Quejas e pelos Finançon, bem como as coladeiras *Intentaçon di Caraval*, onde Djosinha é acompanhada por Mité Costa, e *Djonsinho Cabral*, homenagem dos Tubarões, e ainda a arte inigualável de Travadinha e Luís Rendall. Entre outras ausências a lamentar apontamos as de Kiki Lima e de Ana Firmino, o que todavia não mancha em nada a magnificência deste CD duplo, obra que, no entanto, ficaria incompleta caso não fosse acompanhada por um livrete ao nível do que é possível ouvir. Esse importante «pormenor» não foi descuidado (o que prova o cuidado posto na edição) e somos presenteados com um óptimo texto, extremamente elucidativo, da autoria de Carlos Gonçalves, que nos conduz com autoridade ao longo da história retratada nesta colecção, não caindo na

tentação de descortinar as remotas origens da música cabo-verdiana, assunto que, dadas as múltiplas influências musicais que assolaram o arquipélago, tem decerto direito a tese de doutoramento.

Se a indispensabilidade deste documento é por demais óbvia, e pouco mais há a adiantar quanto a esse aspecto, deve, porém, dizer-se que é de algum modo constrangedor ser a França a impulsionar a elaboração desta obra. Longe de uma perspectiva colonialista, é preciso ter em mente que é a língua o elo mais forte que liga os povos e que se este, porventura, se quebrar, pouco mais poderemos fazer do que lamentá-lo.

Espero não ser em vão que o mais alto magistrado da nação portuguesa tivesse afirmado que «todos os portugueses são cabo-verdianos e todos os cabo-verdianos são portugueses», mas a esperança não é grande quando nos lembramos de que nem da nossa própria história sabemos cuidar (vide o legado sonoro de Giacometti).

Vários. «Cap Vert: Anthologie 1959-1922», Buda/Dargil. ◀

▶ PEDRO IVO ARRIEGAS

A CAPITAL

Parque Nov 94

→  
CABO VERDE EM CD DUPLO

# ANTOLOGIA REÚNE 33 ANOS DE MÚSICA

UMA antologia da música cabo-verdiana referente ao período 1959-1992, sob a forma de um CD duplo, foi lançada ontem, em Lisboa, no espaço Chapitô, no âmbito do projecto «Sonhar África num Outono em Lisboa».

A obra, cuja selecção e textos esteve a cargo de Ariel de Bigault e Carlos Gonçalves, tem uma duração de 148 minutos e é composta por 43 músicas, sendo ainda acompanhada por um documento de 44 páginas que inclui 41 fotografias e textos redigidos em português, francês e inglês.

Apoiada pelo Instituto do Livro e do Disco cabo-verdiano, esta iniciativa reúne «todos os géneros da música popular» de Cabo Verde, com especial destaque para as «variações nos três géneros principais: morna, coladeira e funaná».

As gravações seleccionadas vão desde 1959 – «data em que se inicia uma produção discográfica profissional e regular» – até 1992, quando, «em parte devido ao sucesso de Cesária Évora, se abre um novo período em que os jovens talentos enfrentam outras exigências técnicas, artísticas e profissionais, e, em particular, um mercado maioritariamente estrangeiro».

O disco contém interpretações de Cesária Évora, Bana, Tubarões, Celina Pereira, Dany Silva, Luís Rendall, Chico Serra, Caetaninho, Mitê Costa, Titina e Grupo Cultural Mantenha, entre outros, perfazendo um total de 34 artistas e agrupamentos musicais.

A cerimónia de lançamento desta obra, intitulada «Musiques du Cap Vert» («Músicas de Cabo Verde»), contou com a presença de vários artistas cabo-verdianos.



EXPRESSO

Portugal Dec 96

"Melhores discos de l'année"



### CAPVERT: ANTOLOGIE 1959-1992

A aposta de Ariel de Bigaut, a organizadora, era ousada, quase insana: resumir cerca de 30 anos de música de Cabo-Verde em dois CD, sem omitir nenhum género musical, compositor ou intérprete importante, de modo a constituir uma síntese, o mais perfeita possível, de uma aventura musical que está a despertar uma curiosidade (e uma adesão) crescente, em pelo menos três continentes. O resultado, apesar de contestável como todas as escolhas pessoais, dificilmente poderia ter sido mais equilibrado, na nossa opinião. Não só o que está aqui é essencial, como ainda por cima está apresentado com rigor e bom gosto. É o melhor de tudo e que este documento imprescindível para a história cultural do arquipélago é uma fonte inesgotável de prazer! (CD Buda Records/Dargil)

J.L.A.



TV GUIA - Portugal - Nov 94

DESTAQUE



## 33 ANOS DE MÚSICA CABO-VERDIANA

O reconhecimento internacional da intérprete cabo-verdiana Cesária Évora chamou a atenção, nos anos recentes, para a riqueza e a variedade da música daquele arquipélago que já foi português. Mas se este interesse pela música de Cabo Verde é recente, isso não deve fazer esquecer a história passada destes sons e destas histórias, os passos significativos que conduziram ao tardio sucesso das mornas, das coladeiras, dos funaná e de outros géneros musicais que se desenvolveram nas ilhas de Cabo Verde ao longo das últimas décadas. Com este propósito — o de dar a conhecer a evolução da música de Cabo Verde desde os anos 50 até ao início dos 90 — foi recentemente publicada em Portugal uma excelente colectânea discográfica, constituída por dois CDs, que tem o título genérico *Cap Vert: Anthologie 1959-1992*. Organizada pela francesa Ariel de Bigault, esta colectânea dupla reúne quarenta e três temas musicais, gravados em países como Portugal, França, Holanda e Cabo Verde

Ao longo de quase duas horas e meia de audição, é possível escutarem exemplos dos mais significativos dos diversos géneros cultivados na música popular cabo-verdiana. Os intérpretes são muitos, alguns já conhecidos dos portugueses, outros só agora com a possibilidade de serem divulgados através do disco, no nosso país. Entre outros intérpretes, esta antologia deixa escutar Cesária Évora, Dany Silva, Bena, Celina Pereira, Títina, Travadinha, os Tubarões e os Fiçon, mas também Chico Serra, Humberto, Amândio Cabral, Fernando Queijas, Luís Morais e Zeca e Zeze Di Nha Renalda. Juntamente com os dois CDs desta excelente antologia de trinta e três anos de produção musical cabo-verdiana, pode encontrar-se um pequeno e esclarecedor livro, o qual inclui um texto da já referida

Ariel de Bigault, um ensaio do jornalista cabo-verdiano Carlos Gonçalves e dezenas de fotos dos intérpretes escolhidos para a compilação. Enfim, uma edição funpara quem queira compreender um dos fenómenos musicais de maior sucesso e de mais autenticidade na década em curso



DIÁRIO de NOTÍCIAS  
Parque. Dec 96  
"Meilleurs disques de l'année"

VÁRIOS

«Cap Vert: Anthologie  
1959-1992» (Buda)



Baseada numa recolha  
histórica por de Bigault,  
apoiada numa democrática  
selecção dos géneros  
musicais e favorecida pela  
sensatez evidenciada na  
escolha dos nomes exibidos,  
nasceu a mais criteriosa  
recolha de música  
cabo-verdiana já editada.

REVISTA DE MUSICA  
"Disques de l'année"  
Dec 96



Cape Verde - Anthology

1959-1992

Duplo CD Musique Du  
Monde - Prix Descartes  
A repariada dá-me  
em disco.

A mala que vem do espaço.



# DÉCADAS DE ANTOLOGIA MUSICAL CRIOULA



CAP VERT: ANTHOLOGIE 1959-1992

*Cape Verde: Anthology 1959-1992*

Um esforço conjunto do Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco e da Missão Francesa de Cooperação e Acção Cultural, mais o trabalho de pesquisa de Ariel de Bigault e Carlos Gonçalves, resultou em mais de duas horas de 30 anos de música cabo-verdiana, já nas discotecas da capital.

CENTRAIS



# DICIONÁRIO SONORO

Foi uma tarefa titânica. A francesa Ariel de Bigault, com a colaboração do jornalista cabo-verdiano Carlos Gonçalves, consultou centenas de gravações, para organizar uma *Antologia da Música de Cabo Verde 1959/1992*, com cerca de duas horas e meia da melhor música daquelas ilhas perfumadas. O resultado é um duplo CD onde encontramos temas de Fernando Quejas, a Cesária Évora, passando por Bana, Titina, Tubarões, Bulimundo ou António Travadinha, entre tantos outros. É quase um dicionário de sons e de prazeres. De mornas, funanas, coladeiras e tabankas. E tudo começou de repente.

Um dia Ariel de Bigault foi até Cabo Verde para produzir um filme. E depois, foi descobrindo a música de Cabo Verde. *A ideia da Antologia surgiu em 1989, quando começámos a procurar coisas, eu e o Carlos Gonçalves. Depois o sucesso internacional da Cesária permitiu-me conseguir apoios para fazer o trabalho. Trabalhámos quase sete meses e fomos, a pouco e pouco, recolhendo material, algum dele existente apenas em velhos discos.*

*A escolha foi, apesar de tudo, difícil. É mais uma antologia dos estilos musicais do que dos intérpretes, diz Ariel de Bigault. Tentamos mostrar que os percursos da música são individuais. São os indivíduos que fazem ou desfazem grupos. Mas, para além dos géneros que todos conhecemos da música de Cabo Verde, também fomos em busca dos géneros externos, que não deixam de ser música de Cabo Verde.*

*Apesar de na Antologia não encontrarmos música de emigrante. A emigração não trouxe nada de novo em termos musicais e não foi digerida pelos músicos cabo-verdianos. Há muitos arquivos de música de*



*de, dispersos em várias editoras: Movieplay, Valentim de Carvalho, Dargil (que distribui em Portugal esta Antologia) e tantas outras são fiéis depositárias de centenas de músicas. Esta antologia não é só para apaixonados e conhecedores, é para quem tem prazer a ouvir música, diz Ariel. E nós temos de concordar. Lançada primeiro em Portugal, e depois em França e Cabo Verde, esta Antologia é um marco para quem já percebeu a riqueza musical daquelas ilhas, solitárias no meio do Atlântico.*

F.S.

# LIBÉRATION

## WORLD MUSIC

### CAP-ANTHOLOGIE

1959-1992

(Buda Record)

Croisant plaisir et pédagogie, pareil voyage initiatique en deux CD fait désormais date dans la musique du Cap-Vert, archipel balayé par les vents d'Est, tournant à moitié le dos à l'Afrique. Le recueil d'enregistrements emblématiques va de 1959, année où apparaît une production discographique professionnelle régulière, à 1992, date de l'émancipation de la musique insulaire via Cesaria Evora et surtout de la confrontation des nouveaux talents locaux aux exigences du marché mondial. Tout y est, de l'ancêtre Fernando Quejas à Cesaria Evora, en passant par les voix féminines de Titina, Celina Pereira, héritières de Nacia Gomi, et les timbres



masculins de Bana, Djosinha, Ildo Lobo, Zeca di Nha Reinalda. Le précieux livret du musicien et journaliste Carlos Gonçalves offre un itinéraire clair et débroussaillé de l'évolution des rythmes du Cap-Vert, depuis ceux chantés par le poète Eugénio Tavares (1867-1930), premier modernisateur de la morna au début du siècle, relayé dans les années 30 par B. Leza (Francisco Xavier da Cruz). Au-delà de la trilogie majeure morna-funana-coladeira, il y a aussi des rythmes, traditionnels ou modernisés, tels le

batuque, la finaçon, la kola, la tabanka, la kanisade, la toada, ou encore des airs plus européens comme les valse, polka, mazurka et contre-danse. Des musiques toujours prometteuses, car fondées sur un déchirement profond et antagonique entre l'attachement malade à une terre désolée et le désir irrépressible d'émigrer sous d'autres cieux.

Bouziane DAUDI





Moacyr Rodrigues

O trabalho de recolha, selecção e historiado por Carlos Gonçalves, acompanhado de palavras introdutórias de Ariel de Bigault, é de suma importância para a discografia na medida em que repõe no mercado algumas das várias peças que há muito vêm pedindo uma divulgação entre as novas gerações. Também permitirá a muitos ter uma possível visão da música cabo-verdiana, numa perspectiva diacrónica.

De uma antologia desse tipo outra coisa não seria de esperar, visto que o manancial musical destas ilhas é já bastante considerável e difícil de ser abarcado de um golpe de vista. Além do mais, antologiar pressupõe uma es-

## Capvert: Anthologie 1959-1992 – uma abordagem

pela saturação. Reflete o bom gosto e dedicação de Carlos Gonçalves, um bom «connaiseur» da nossa música e não só das tendências ou vias pelas quais ela inflectiu no período determinado.

A selecção apresentada-se equilibra de molde a agradar a todos e pode oferecer perspectivas histórico-culturais valiosas. Elas são importantes no momento em que a cultura cabo-verdiana se encontra «empanada» por tendências modernas «dominadas pela preocupação de dinamismo elementar, de vida trepidante, de triunfo fácil», ainda na expressão de Aurélio Gonçalves, aquando da sessão cultural, na Câmara Municipal de S. Vicente, 1955, quando da visita do Presidente Português a Cabo Verde.

O trabalho é uma pequena amostragem da Alma Cabo-Verdiana. Através dela se poderá ver que a nossa alma

creve uma história social do novo cabo-verdiano, uma verdadeira epopeia musical colectiva.

Quanto ao texto que o acompanha relata sucintamente as várias influências sofridas e os vários «apports» trazidos através dos instrumentos deixados consoantes as épocas e os géneros colados. Contudo, manda a história de cultura cabo-verdiana que não se deixe passar os textos ora apresentados sem alguns pequenos reparos de somenos importância, porque fazem parte dessa mesma história, numa antologia histórica. Referimo-nos a afirmações, a classificações nunca usadas pelos autores coevos das músicas, como o pioneiro da literatura cabo-verdiana, Eugénio Tavares, o primeiro a fazer referência às nossas músicas e melodias, no seu livro Morna. São a toada e a balada trazidas agora por Carlos

clusive), mas de qualquer maneira manteve o seu andamento original. É possível que o galope seja, segundo algumas informações, o parente próximo da morna e da coladeira.

O trecho Angola, quanto a nós não é uma toada. Senão ficaríamos confuso quanto a este género. Contudo, podemos dizer que é uma coladeira, que por acaso pelo seu ritmo e saber está perto daquilo que nós chamamos música de «ramboia». Pensamos que o que pode parecer diferente nessa é a possível influência da batida angolana variante Luanda/Benguela, com a qual Ramiro Mendes tem estado em contacto nos últimos anos, com a sua permanência nos meios lisboetas.

No que diz respeito a Alto Cutelo, gostaríamos de continuar a classificá-la, como o seu autor, de morna: a in-

sim do tipo de música executada por Kauguiamo.

Coladeira - Samba não é uma classificação também tradicional. É natural que a coladeira tenha pedido empréstimos à música latino-americana, especialmente à brasileira e à argentina, como ficou demonstrado num encontro havido, aqui em S. Vicente, entre o musicólogo Pedro Moacyr Maia e alguns intelectuais cabo-verdianos, Baltazar Lopes, Aurélio Gonçalves, o autor destas notas e os cantores Titina e Djosinha, e outras pessoas, cujos nomes de momento não nos recordamos, em 1961. O maestro Jorge Monteiro num momento raro em 1963, na cidade da Praia, em conversa, connosco classificava as coladeiras em dois tipos: uma tradicional, em que ela é facilmente transformada numa morna e outra que ela chama de coladeira tipo tuni-

sua influência no teatro e music-hall mindelenses, exercia uma certa atracção principalmente sobre a coladeira. Desse tipo ele chamava atenção para M. nininha de Salamansa, Rusga, Intençon de Carnaval e com muita razão. Essas «coladeiras» foram merengues e congas antes de serem coladeiras (esse é um assunto que será apresentado em lugar e ocasião próprios). A maior influência sofrida nos anos 40 e 50 pelas coladeiras é a do baião nem por isso aparece apenso ao nome da coladeira o determinativo - baião.

A terminar diríamos que a ANTOLOGIA é uma oportunidade singular que atesta que a cultura não é simplesmente um assunto da moda e que a sua fruição não é apenas apanágio de quantos gostos ultrápassados.

Ela será possivelmente para os mais novos e futuros homens de música, compositores, um repositório de flores musicais, capazes de os inspirar e encontrar novos caminhos verdadeiramente cabo-verdianos, como acontece com os outros noutras paragens. Para os mais velhos é o prazer do reencontro. Este disco é Cultura. Que venham mais. De parabéns ca-



cial musical destas ilhas é já bastante considerável e difícil de ser abarcado de um golpe de vista. Além do mais, antologiar pressupõe uma escolha, uma selecção, segundo o gosto estético e daí o critério do antologador. A visão depende do fluir da coisa musical e da ideologia subjacente. Segundo Aurélio Gonçalves «a escolha de um determinado critério determinará, conseqüentemente, a linha geral de todo o trabalho antológico».

Antologia, do grego, tratado de flores, colecção de flores escolhidas, o que já de si pressupõe uma grande sensibilidade estética e bom gosto, passou figurativamente a referenciar «trêchos escolhidos de poetas ou prosadores», e por analogia e amplificatio, uma selecção de músicas. Com o mesmo sentido e emprego se usou palavra latina florilégio.

A antologia em apreço reflecte bom gosto e equilíbrio. É agradável e relaxante. Não cansa e nem aborrece

verte.

O trabalho é uma pequena amostragem da Alma Cabo-Verdiana. Através dela se poderá ver que a nossa alma não é essencialmente triste, como pensa e dizem aqueles que se deixam levar apenas pela melodia da morna sem atender aos seus poemas, verdadeiros espelhos onde nos retratamos, sem ter em conta a coladeira, a mazurka, o batuque, o funaná e outros géneros. Só a superficialidade pode continuar a insistir nessa «tristeza» ou «tristiose», tão do agrado de Chevalier.

Reflexo do agrado colectivo, resultante da simbiose de elementos vários e que deixa compreender um mundo coeso, distinto do moderno, de desagregação familiar, mas não fechado em si mesmo, aberto às influências que vinham do exterior, sabendo manter contido a sua personalidade, o fundo temperamental, qualquer que fosse o relacionamento com as formas alheias em voga. Ela es-

nio Tavares, o primeiro a fazer referência às nossas músicas e melodias, no seu livro Morna. São a toada e a balada trazidas agora por Carlos Gonçalves.

É certo e sabido que Pedro Cardoso foi autor de muitas e boas coladeiras, que possivelmente como as mornas terão muito a haver com o galope. Sendo ele da geração do galope, produziu alguns, como Nha Codê e outro cuja autoria às vezes é disputado com B. Leza, mas pensamos ser dele, exemplo Nhô Antône. Nha Codê é um galope. Parente próximo da coladeira pelo andamento. Carlos Gonçalves teve à mão a versão contada por Fernando Queijas, que durante a sua fase lisboeta da música cabo-verdiana, procurando conquistar um lugar capaz para a nossa música num mercado nada fácil, foi obrigado a fazer certas modificações, concessões (?) do ponto de vista da melodia e do texto (apresentando uma versão portuguesa de certas músicas, in-

tas.

No que diz respeito a Alto Cutelo, gostaríamos de continuar a classificá-la, como o seu autor, de morna; a influência sofrida quanto a nós, não é da balada portuguesa tão em voga na época, mas

coladeiras em dois tipos: uma tradicional, em que ela é facilmente transformada numa morna e outra que ela chamou de coladeira tipo tunginha. E com muita razão, era numa altura em que a música latino-americana, devido à

rece com os outros nomes paragens. Para os mais velhos é o prazer do reencontro. Este disco é Cultura. Que venham mais. De parabéns estão os autores e o Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco porque assim justificará o nome. ■



# CABO VERDE

## DA CARTA DI NHA CRETCHEU A 1992



Uma longa paixão, a da francesa Ariel de Bigault pelas ilhas atlantes de Cabo Verde, deu origem a uma recolha de 43 músicas em dois CDs (duração total: 148 min.), numa edição da Buda Records (Paris), distribuída em Portugal pela Dargil. Chama-se «Cap Vert: Antologie 1959-1992» e, vá-se lá saber se mais por simpatia que por interesses de mercado - a sra. Bigault fala português - o texto documental e histórico de Carlos Gonçalves, que acompanha a edição, foi também traduzido para inglês e para a nossa língua-pátria. Sem nos perdermos nesse pormenor de serem os franceses a cultivar a atenção que a música cabo-verdiana, indubitavelmente, merece, destaque-se o cuidadoso périplo pelos diversos ritmos ou géneros de música crioula que esta antologia perfaz: as mais conhecidas mornas e coladeiras, mas também o funana, tabanka, toada, kola, um cheirinho de samba, pungentes baladas, e até as importadas mazurkas, superiormente «cantadas» pelo violino de Travadinha.

Apresentando nomes que, mesmo para os leigos, não precisam de apresentação: Cesária Évora, Tubarões, Dany Silva, Bana, Titina ou Celina, esta antologia permite reviver a voz inigualável de Fernando Quejas (para se perceber, de uma vez por todas, o Fado), a inflexão perturbantemente «branca» de Djosinha cantando crioulo, o «balancé» de Longino Batista, ou o registo dissemelhante de Caetaninho nas palavras e no acordeão. Outra curiosidade desta edição, e levando em conta que a primeira gravação - o clássico de Eugénio Tavares, «Carta di Nha Cretcheu» - data de 1959, é o contraponto entre a forma acústica e a electricidade, que chega às mornas (et.al.) em meados dos anos sessenta.

A selecção das músicas, que neste caso está também condicionada à disponibilidade de gravações de qualidade aceitável, é sempre um tema demasiado vasto para se polemizar. No entanto, pensamos que não se deve temer a repetição de temas em recolhas deste género, o que parece ter sido propositadamente evitado nesta antologia. E há canções que, sem dúvida, mereciam isto, por razões que se prendem com o seu envelhecimento e a idiosincrasia dos seus intérpretes. Outro desequilíbrio serão as cinco músicas dos Tubarões (os mais representados), contra um tema de Luis Rendall. Dois minutos e dez segundos de Rendall sabe a muito pouco numa história de Cabo Verde. Mas os que do Lontra ao Bana e do Ritz Clube ao Chapitô se foram habituando a ouvir as bandas deliciosamente trans-étnicas (poder-se-ia dizer transnacionais, mas seria incorrecto, que abrilhantam as noites lisboetas, terão oportunidade de reconhecer alguns «clássicos»: «Tabanka», «Djosinho Cabral», «Bulimundo», «Nha Terra scalabrode» ou «Fitch um odje», canções, afinal, relativamente recentes. Será que também os músicos cabo-verdianos andam a precisar de reciclagem?

### Uma longa história

Por sua vez, Carlos Gonçalves, no acto de lançamento da produção discográfica de Ariel de Bigault, tentou resumir a longa história pelo que passou ao dar o seu contributo a esse projecto cultural.

Explicou que, a finais da década de 80 com o esgotamento do sucesso da lambada, em França procurava-se um sucedâneo. Foi então que o Funa-ná dos Finaçon encontrou a bonança nos palcos internacionais.

Tudo começou quando Ariel de Bigault contactou Carlos Gonçalves que, no seguimento de uma entrevista, lhe entrega uma cassette com as músicas que considerava importantes para uma ilustração.

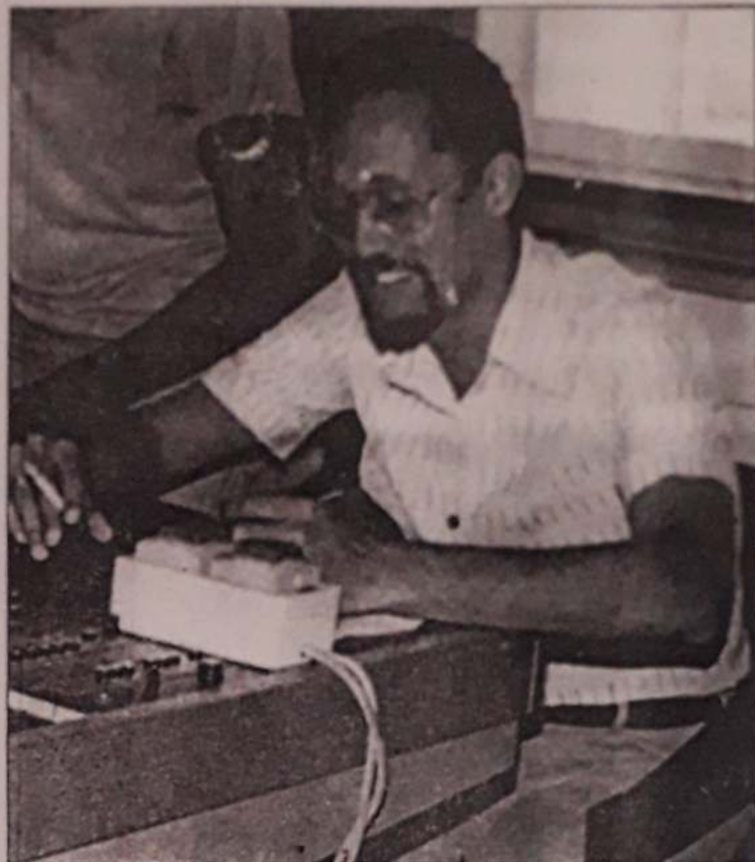
A entrevista pretendia precisamente recolher dados que permitissem a promoção da música cabo-verdiana em França e na Europa, assim como preparar os suportes para um futuro lançamento comercial da mesma.

Ao narrar as peripécias do seu trabalho de pesquisa, Carlos Gonçalves concluiu que não se trata de um disco de sucessos, de melhores composições ou melhores artistas.

"O objectivo, por mim apreendido, desde o início, foi sempre o de se fazer um trabalho que desse a conhecer a qualquer interessado um pouco da música de Cabo Verde e o seu percurso. Por isso, o título original do meu texto é simplesmente "30 Anos de Música de Cabo Verde". O título "Antologia", talvez seja muito pomposo, e talvez, leve a muitas interpretações e crucificações. Acreditem!", argumentou o jornalista da RNCV.

De acordo com Carlos Gonçalves, uma "Antologia", com toda a carga que o conceito implica, ou não se fazia ou traria investimentos incomportáveis.

"Temos logo à partida, uma limi-



*Carlos Gonçalves*

tação de espaço: 2 por 75 minutos que é a duração de dois compact-disc, e seis páginas A-4 para escrever um texto. E numa tentativa de meter tudo e todos, teremos muita música e muita palavra para tão pouco espaço, porque se trata de 30 anos de actividade discográfica neste país!", explicou.

"Havia pois que escolher! A escolha não foi fácil e não estamos satisfeitos. Fizemos o que foi possível e encontramos os compromissos possíveis com uma boa dose de pragmatismo", acrescentou.

De acordo com Carlos Gonçalves, só poderiam constar na selecção 45 temas e entre estes havia que encontrar o equilíbrio para além de considerar o factor comercial.

Outra etapa difícil da pesquisa e a mais complicada para o jornalista foi a fase da procura dos originais e dos

direitos. E "não se encontrou tudo como é obvio e tivemos de proceder a substituições e não foram poucas". Subtrair músicas levou a equivalentes alterações no texto.

Entretanto nem tudo é a preto e branco. Carlos Gonçalves pôde contar com a valiosa vantagem das suas vivências pessoais, como músico e jornalista, nessa tentativa de reunir o melhor de três décadas musicais em Cabo Verde.

"De tanto ouvir música, conversar e conviver com os meus mil e um amigos músicos nasceu pois tudo o que tenho escrito sobre a música de Cabo Verde", salientou.

Carlos Gonçalves iniciou a sua carreira profissional aos 16 anos como discotecário na Rádio Barlavento e foi o último director da Rádio Nacional de Cabo Verde, durante a 1ª República.